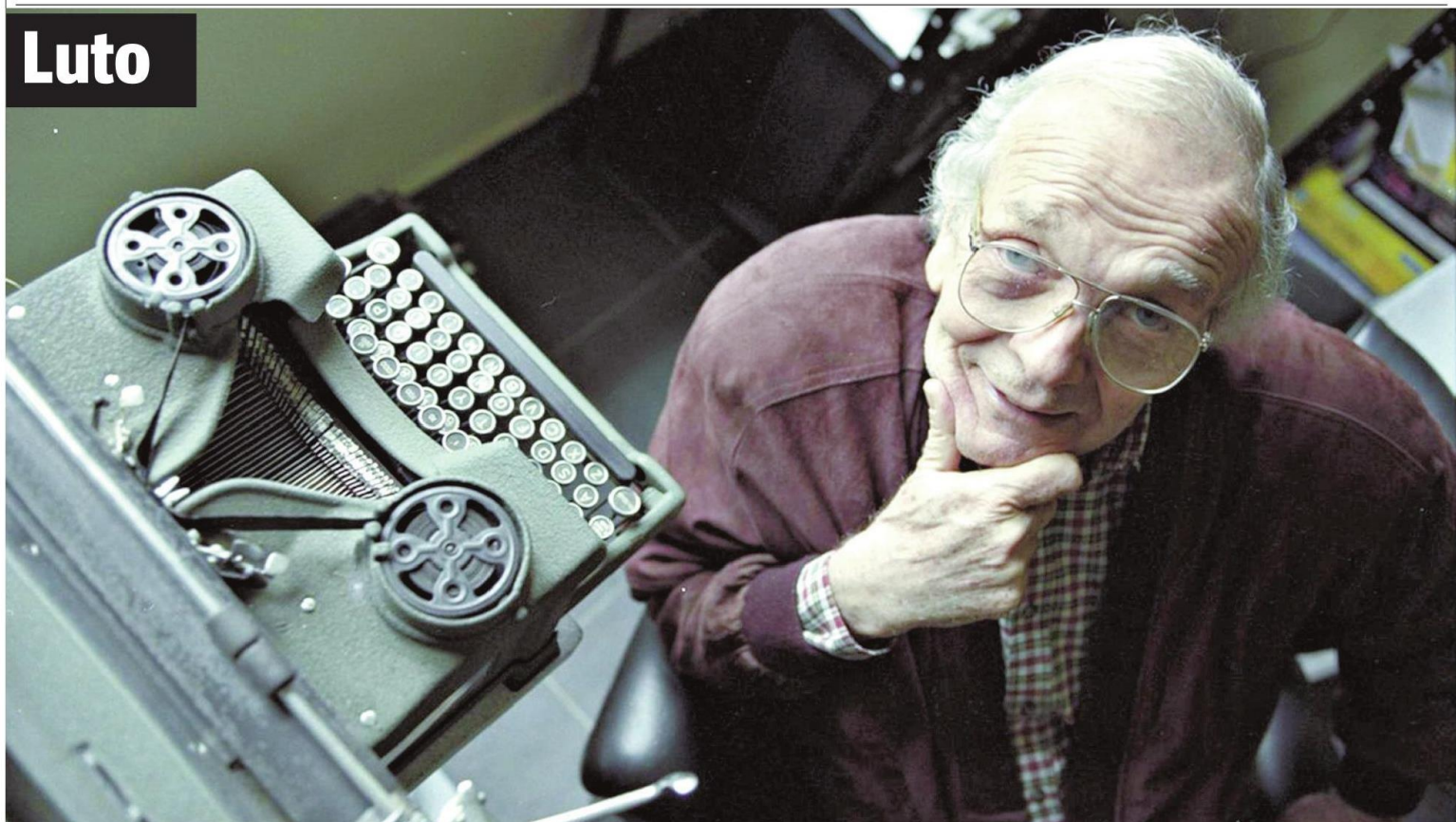


ALBERTO DINES

**Morre um dos maiores
porta-vozes do jorna-
lismo crítico no país.**

Magazine. Capa e página 2

Luto



ROBERTO ALBUQUERQUE/FOLHA IMAGEM - 26.9.1997

Voz do jornalismo crítico

Compromisso com o social e a com a autonomia da imprensa brasileira era reivindicado por Alberto Dines

■ SÃO PAULO. O jornalista e escritor Alberto Dines (1932-2018) morreu ontem aos 86 anos. Ele estava internado no hospital Albert Einstein, em São Paulo. Segundo a esposa Norma Couri, o jornalista foi levado ao hospital há dez dias, em decorrência de uma gripe que evoluiu para pneumonia, e faleceu devido a problemas respiratórios.

Dines nasceu em 19 de fevereiro de 1932, no Rio de Janeiro. Aos 20 anos, iniciou a carreira na revista "A Cena Muda" e apenas dez anos depois já era editor-chefe do "Jornal do Brasil", onde atuou como diretor dos cadernos Comunicação e Cadernos de Jornalismo, ao lado de Fernando Gabeira.

Em 1963, criou a cadeira de jornalismo comparado da PUC Rio e, em 1968, foi preso após criticar a ditadura em um discurso na universidade. Sua postura crítica em relação ao governo militar abreviou sua carreira no

"Jornal do Brasil", de onde saiu demitido em 1973 após driblar a proibição de publicar na primeira página do jornal manchete sobre a morte do então presidente chileno Salvador Allende.

O "JB" foi às bancas com um texto longo sobre o assunto na primeira página, sem, contudo, exibir uma manchete, ou seja, um título principal. A capa entrou para a história do jornalismo brasileiro. Após dois anos, assumiu a chefia da sucursal da "Folha de S.Paulo" no Rio e lá permaneceu até 1980. Nesse período, criou o espaço Jornal dos Jornais, dentro da "Folha", em que entre 1975 e 1977 fez críticas ao jornalismo na época.

Após escrever uma sátira para o "Pasquim", jornal famoso por fazer críticas à ditadura, Dines deixou a publicação. Em 1982, Dines se mudou para Portugal para escrever a biografia do escritor Stefan Zweig (alemão que fugiu para o Brasil no governo de Adolf Hitler). Após a publicação do

livro, assumiu o cargo de secretário editorial da editora Abril, onde criou a versão portuguesa da revista "Exame".

Em 1988, foi nomeado diretor do Grupo Abril em Portugal. Em 1993, já no Brasil, foi cofundador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da **Unicamp**. Em 1996, lançou o site "Observatório da Imprensa", que depois gerou um programa de rádio e TV e teve uma versão impressa publicada em alguns jornais do país, entre eles "**O TEMPO**".

A plataforma tornou-se uma referência em crítica da mídia, abrangendo diversas discussões relacionadas à prática jornalística. Por meio de nota, os profissionais do "Observatório da Imprensa" lamentaram o ocorrido e disseram que, em breve, deverá ir ao ar uma edição especial centrada no fundador do projeto.

BALUARTE. Para Afonso Borges, escritor e idealizador do "Sempre Um Papo", Dines per-

manece como baluarte do jornalismo que é capaz de ser inventar sem abrir mãos dos princípios éticos. "Em 1996, aos 64 anos, depois de uma carreira brilhante, Dines se transformou em outro, com o 'Observatório da Imprensa'. Fez da chamada terceira idade de um novo tempo do jornalismo, no qual a observação ética, comportamental e republicana fez história", declara.

O jornalista e escritor Fabrício Marques ressalta que Dines tem importância inquestionável na trajetória do jornalismo brasileiro. "Ele não se limitou a atuar nas redações, e sempre com personalidade. Entre tantas ações, destaca-se o dia em que o 'Jornal do Brasil' saiu sem manchete no dia do golpe de Estado de Pinochet, no Chile, em 1973 – uma clara declaração de princípios contra a ditadura militar", pontua Marques, que sublinha, em seguida, o modo como Dines dedicou-se não só a produzir, mas a refletir sobre o jornalismo.

"Disso resultou o site 'Observatório da Imprensa'. Nessa mesma linha, publicou livros como 'O Papel do Jornal', que fez sucesso considerável nos anos 1980 e 90. Uma citação dele circulou hoje nas redes sociais, e sintetiza à perfeição sua postura ética: 'A sociedade é maior do que o mercado. O leitor não é consumidor, mas cidadão. Jornalismo é serviço público, não espetáculo', completa Marques.

Ricardo Kotscho, jornalista premiado quatro vezes com o prêmio Esso, também lamentou a morte de Dines, por meio de um post no blog "O Balaio de Kotscho". No texto, ele frisou o incansável esforço de Dines em "melhorar a imprensa brasileira".

"Era, acima de tudo, um grande sonhador, achava que o jornalismo poderia melhorar o mundo ao denunciar as suas mazelas e apontar caminhos para um convívio mais civilizado. Com lugar garantido na galeria dos grandes protagonistas da imprensa brasilei-

ra no último meio século, era um jornalista por vocação, um tipo cada vez mais raro nas nossas redações", reforçou Kotscho.

Dines publicou 15 livros, entre ficção, reportagem e técnicas jornalísticas. Ganhou o prêmio Jabuti em 1993, por "Vínculos de Fogo", na categoria Estudos Literários (ensaios). Outras obras concebidas por ele são "Vinte Histórias Curtas", "Os Idos de Março e a Queda em Abril", "O Mundo Depois de Kennedy" e "Jornalismo Sensacionalista".

O autor deixa quatro filhos de seu primeiro casamento com Ester Rosali, sobrinha do empresário de mídia Adolfo Bloch – fundador da revista e da rede de TV "Manchete", ambas extintas. Casou-se uma segunda vez, com a jornalista Norma Couri. **(com Carlos Andrei Siquara)**

CONTINUA NA PÁGINA 2



Luto

Uma trajetória marcada pelo pioneirismo

CONTINUAÇÃO DA CAPA

■ SÃO PAULO. Enquanto Alberto Dines (1932-2018) esteve à frente da redação do “Jornal do Brasil”, entre 1962 e 1973, o diário alcançou um dos seus períodos mais inovadores e criativos. A reforma do diário carioca, consolidada sob sua direção, serviu de modelo para outros veículos brasileiros.

Sua resistência à censura da ditadura lhe rendeu, em 1970, um dos prêmios jornalísticos mais prestigiosos, o Maria Moors Cabot, da Universidade Columbia (EUA), e algumas das edições que coordenou entraram para a história.

Entre elas está a de 14 de dezembro de 1968, um dia após a promulgação do AI-5, ato que endureceu o controle político da ditadura. Na capa do jornal, um pequeno texto em destaque no canto esquerdo superior esquerdo avisa: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx: 38°C, em Brasília. Mín: 5°C, nas Laranjeiras”.

Em 1975, quando o jornalista e escritor foi dirigir a sucursal da “Folha de S.Paulo”, no Rio, ele lançou a coluna “Jornal dos Jornais”, que também foi considerada precursora na crítica sistemática dos meios de comunicação no país.

Dines foi, de certa forma, um pioneiro na função de ombudsman, atuando como crítico da mídia brasileira. O seu “Observatório da Imprensa”, lançado na internet em 1996, é, certamente, um desdobramento disso, e é um dos frutos do Projor - Instituto para o Desenvolvi-

mento do Jornalismo, também criado por Dines com o apoio da **Unicamp**, onde foi pesquisador.

Nas últimas duas décadas, inclusive, ele dedicou-se a fomentar a prática jornalística com as atividades no “Observatório” e no Projor, onde coordenou projetos de capacitação, treinamento e promoção de boas práticas da profissão. Com sua atuação no Projor, proporcionou capacitação em técnicas de redação, de acesso ao mercado publicitário, em gestão financeira e administrativa e em tecnologia a veículos de menor porte.

REPERCUSSÃO. A presidente do Projor, Angela Pimenta, disse estar muito entristecida com o falecimento de Dines, com quem conviveu nos últimos três anos. “Dines fundou o instituto em 1996. Estamos muito entristecidos. Os projetos nos quais ele apostou, que era a necessidade de um Observatório da Imprensa, que fosse um fórum de opiniões, no sentido que numa democracia nem a imprensa tem a última palavra, essa demanda continua viva. A gente acha que igualmente vivos estão projetos como o projeto de mapeamento do jornalismo local, que estamos fazendo com o atlas da notícia. Ele começou essa ideia com o projeto Grande Pequena Imprensa. Ele foi brilhante, visionário e uma pessoa extremamente apaixonada pelo ofício jornalístico e pela defesa da liberdade de expressão, de opinião”, diz Angela.

“Perdemos Alberto Dines, um dos grandes mestres da minha geração, que passou a vida tentando melhorar a imprensa brasileira”, escreveu o também jornalista Ricardo Kotscho.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA/DIVULGAÇÃO



Legado. Alberto Dines foi um dos grandes nomes do jornalismo